

Religião evangélica e suas respostas às mulheres: aborto, direito e prosperidade

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.141655>

Nina Rosas

🏠 Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte, MG, Brasil

✉ rosasnina@gmail.com

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. 2016. *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade*. Rio de Janeiro, Mar de ideias – Navegação Cultural. 215 pp.

Por que há tantas mulheres em comunidades evangélicas? Por que há agremiações que apresentam discurso conservador em relação aos gêneros e às sexualidades e, a despeito disso, contam com mais de 70% de mulheres em sua audiência?

Ainda não são muitas as obras socioantropológicas que tentam desvendar o teor das aflições femininas e o porquê de as igrejas conseguirem oferecer respostas tão satisfatórias a elas (Machado, 2005). O livro de Jacqueline Moraes Teixeira, longe de ser apenas um estudo de caso sobre corpo e gênero na Igreja Universal do Reino de Deus – IURD (embora só por isso já tivesse seu valor), certamente se tornará uma leitura obrigatória para a compreensão do modo como as mulheres experimentam, na religião, oportunidades que não necessariamente lhes seriam oferecidas por outros atores e contextos sociais (Woodhead, 2002). A literatura especializada já tem se inflexionado nos últimos anos, deixando de lado, a gosto ou contragosto, os ideais feministas e a avaliação da subordinação feminina em termos de perdas e ganhos, que serviram de referência para as análises pioneiras. Atualmente se tem rumando para a compreensão dos dogmas religiosos em si, e não como “etapa estratégica de um devir social” (Mafra, 1998: 227). *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade* se encaixa neste quadro, nos fornecendo ricas descrições e interpretações sobre o processo de construção dos valores de uma das mais expressivas igrejas evangélicas do Brasil.

O livro é uma rica etnografia que inclui inumeráveis idas a campo, participação em diversos rituais da Igreja, leitura de reportagens, revistas e livros, além de acompanhamento de programas televisivos. Bem embasada, a obra

se embrenha da lógica da vida em abundância, da prosperidade, percebida sobretudo nos discursos do líder Edir Macedo em favor do aborto, e na produção e no reforço de certas práticas de gênero, entre as quais se inclui o planejamento familiar. Em termos de método, o que realmente salta aos olhos é a compreensão que os discursos são, na verdade, prática. Essa ideia é evocada pelo pensamento habermasiano, no qual o “mundo da vida” – esfera da comunicação, da produção simbólica de significados – é a base a partir da qual se constituem os entendimentos e as demandas da esfera pública. De modo complementar adota-se o pressuposto bourdieusiano de que “um determinado conjunto de práticas são compartilhadas como *habitus* no cotidiano dos frequentadores da IURD” (: 41); *habitus* este que é interiorizado e externalizado. Assim, de maneira engenhosa, entrega-se uma saída para um problema tão apontado nos estudos de religião, a saber, o da discrepância entre o discurso da liderança eclesiástica (recorte deveras privilegiado nas análises) e a vivência dos fiéis quanto a esses mesmos discursos.

No primeiro capítulo, com base na perspectiva de Cyril Lemieux sobre a relação performática da controvérsia (interação entre dois opositores e uma plateia), a autora traça o cenário sobre como o aborto induzido é tratado a partir das lógicas de planejamento familiar e prosperidade. Em seguida é trazida a dimensão do aborto como categoria jurídica. O recorte privilegia o histórico que mostra como a proibição da prática, isto é, o controle gerenciador dos corpos, era domínio do Estado e não da Igreja Católica. É chamada a atenção para o fato de que, na reforma constitucional de 1934, o aborto não era uma questão levantada nem pelo movimento feminista, que se preocupava com o sufrágio das mulheres e com mudanças nas leis que regiam o casamento civil (entre outros), nem mesmo para os religiosos, cujo foco era a busca da preservação dos direitos concedidos à Igreja Católica no período monárquico. Teixeira nos mostra é que só na década de 1980 que emergem novos argumentos sobre o ato. Desse modo, ela aciona um “quadro de controvérsias sobre o aborto” para apresentar o ponto de vista de Macedo, para quem a interrupção voluntária da gestação está associada ao risco de vida da mãe, aos casos de abandono infantil, ao planejamento familiar e à diminuição da violência no país, revelando a relação entre pobreza e expectativa de vida. Segundo essa construção, o aborto se torna, assim, parte do processo de gerenciamento humano sobre o nascimento. A IURD, ao apoiar o direito da mulher sobre seu corpo faz referência “a uma noção muito específica de direito (...) que está fortemente relacionada à Teologia da Prosperidade (TP)” (: 81). Em função de o embrião e o feto serem considerados “vida em abstração”, o aborto é posto como uma medida racional de emprego da fé.

Ao seguir esse percurso, o livro contribui para a literatura especializada

explorando outra dimensão da vida em abundância pregada pela TP que não a do dinheiro como mediador ritual. Para a autora, as categorias que estão em circulação nesse caso são as de sacrifício, desafio, perseverança e aprendizado. Em suas próprias palavras, elas “apontam para a produção de uma pedagogia da prosperidade” (: 96), que “pode ser observada principalmente no corpo de práticas que integra uma espécie de programa disciplinador baseado nos direitos reprodutivos” (: 97). Teixeira aposta no fato de que a família é o principal *locus* de prática e reformulação das noções de prosperidade e vida em abundância¹. Também, o estudo aponta para o incentivo dado pelo IURD à vasectomia e à família sem filhos e, nesse sentido, a mulher aparece como gerenciadora dos métodos contraceptivos, fortalecendo-se dentro do modelo nuclear.

A autora chama a atenção ainda para uma nova fase na produção do repertório simbólico da igreja, a saber, a da produção de livros direcionados a mulheres, mas que são produzidos especificamente por mulheres. Neles, o casamento é apresentado como foco da vida, a sexualidade e a sensualidade são voltadas e limitadas ao matrimônio, e rejeitam-se os valores feministas e as conquistas deste movimento a partir de um conjunto de prescrições que visam ensinar o que é ser mulher. Desse modo, novamente se aciona a noção de fé racional, que pretende fortalecer o espírito e disciplinar o corpo.

O raciocínio acima descrito abre caminho para o segundo capítulo do livro, dedicado a tratar de modo ainda mais específico dos discursos e das práticas relativas ao corpo da mulher, elaborados a partir das já conhecidas categorias mobilizadas pela Universal ao evocar a metáfora da guerra – “perseguição”, “revolta”, “sacrifício/desafio” e “conquista” (: 118). Nesse sentido, volta-se à exploração da campanha Fogueira Santa de Israel, a fim de evidenciar que mais que um contrato entre aquele que deseja algo e quem pode satisfazer o anseio, trata-se de uma “educação voltada para o direito à prosperidade” (: 127). Nos discursos das mulheres, a noção de prosperidade aparece como cuidado de si. O ato de sacrifício diz respeito ao corpo, que se torna foco do trabalho, alvo de investimento pessoal e ação empreendedora do público feminino. Em suma, o corpo – e não só o dinheiro – se apresenta como dispositivo central na relação entre o fiel e a divindade.

Em seguida, descortina-se a divisão sexual do trabalho que caracteriza as disposições hierárquicas da Universal. Mostra-se a diferença entre servir no átrio (dar suporte aos frequentadores dos cultos) e no altar (posição destinada às mulheres que se casam com pastores e bispos) para chegar à explicação do desenvolvimento (nas mulheres) do “domínio prático das regras de polidez”, capaz de “inculcar um estilo de vida voltado para a prosperidade” (: 143). Apesar de várias mulheres protagonizarem esse processo pedagógico, destaca-se a filha de Edir Macedo, Cristiane Cardoso, criadora do programa *Godllywood*. A iniciativa de Cardoso é

¹ Encontrei algo semelhante sobre as noções de prosperidade compartilhadas na Igreja quando tratei das obras sociais realizadas na sede da Universal de Belo Horizonte, ocasião na qual chamei de *ethos* empreendedor disciplinado a disponibilidade e a diligência dos fiéis na execução de tarefas eclesiais. Notei que a doação daqueles indivíduos não se dava apenas no que tange à contribuição financeira; tratava-se de tempo. Vi ainda que a concepção de sucesso não se restringia à aquisição de bens materiais, mas também (e em alguns casos principalmente) à diferenciação de uns para com os outros e à consequente ascensão aos postos de poder da denominação (Rosas, 2012).

descrita em detalhes, tendo como principal intuito a educação das mulheres no cultivo de sua aparência (postura, peso, roupas) e o incentivo a que ajudem as pessoas a sua volta, equilibrando os afazeres eclesiásticos e domésticos, e tendo determinação e coragem para enfrentar as dificuldades. O foco é a construção de “corpos prósperos” (: 191); trata-se de uma extensão dos rituais dos cultos para desafios e sacrifícios corporais realizados sistematicamente no cotidiano.

No último capítulo, vemos a autora, em diálogo com a literatura que põe a mulher como mediadora entre as esferas familiar e religiosa, dar um passo adiante apostando que os mediadores da produção de sentido empregados na IURD são o corpo feminino (disciplinado) e a conjugalidade (que ganha bastante projeção entre esses religiosos). São exploradas as dinâmicas dos cultos Terapia do Amor e os ensinamentos dos programas-aulas de internet e televisão A Escola do Amor (e suas diversas atividades correlatas), de Cristiane e seu marido, Renato Cardoso, para evidenciar o treinamento da vida sentimental e a constituição do modelo de família “bem-sucedido”. Nesse sentido, o casamento “à prova de divórcio” (para usar um termo nativo) é propagado pela Igreja como a base para o sucesso pessoal. A união estimulada é a que se dá entre pessoas de idade semelhante, baseada na “razão” e na inteligência, tendo o homem como líder e a mulher como submissa e gerenciadora, estimulando ambos a terem zelo com a aparência, morarem separado dos demais familiares, manterem frequência nos intercursos sexuais e cultivarem interesses profissionais semelhantes. É com Foucault que Teixeira termina a interpretação desses dados, evocando o processo no qual a conjugalidade emergiu como “necessidade intrínseca” (: 186), através da qual se produzem regulações do corpo e da sexualidade e papéis para homens e mulheres na sociedade.

Desde o início, a leitura deste livro suscita o pensamento sobre a posição diferenciada da IURD e a conseqüente heterogeneidade dos evangélicos, o que, em função do acúmulo de debates sobre o tema das religiões nas ciências sociais brasileiras, não é de surpreender. Entretanto, dou destaque a isso por pensar que tal fato deveria ser ponto de partida de qualquer investigação, como se propôs Teixeira. O trabalho da autora também tem o mérito de não reduzir as estratégias da Universal à busca por mais visibilidade, adesão feminina e oposição à Igreja Católica, ainda que – deve-se frisar – estes elementos tampouco devam ser ignorados. Há ainda um ganho qualitativo na obra ao se acionar a interpretação da esfera pública como *locus* de produção de sentido no qual igrejas, atores religiosos diversos e argumentos morais circulam com complexidade, articulando definições, como a do que é religioso e do que é legítimo (incluindo, neste caso, o aborto). O texto traz Habermas e a proposição de “fundamentar as pretensões de validade levantadas na ação comunicacional” (: 35), o que se encaixa como uma luva para compreender os esforços de significação discursiva

e as ações, ainda fique evidente que a tarefa de operacionalizar as categorias habermasianas nem sempre é razoável.

Ao tratar do aborto e do universo que concerne às mulheres, o livro nos apresenta um quadro distinto do traçado pela literatura da década de 1990 – e não perde tempo apontando as diferenças com trabalhos anteriores. Ao contrário, recupera momentos relevantes que constituem a memória e a história da IURD, mas atualizando a produção socioantropológica a respeito das dinâmicas de uma igreja que vem se reinventando a fim de persistir nos dias atuais. Nesse sentido, Teixeira retoma muitas das doutrinas que compõem a racionalidade, ou os modos de compreensão da realidade suscitados pela Universal, o que acaba por tornar a obra uma porta de entrada autossuficiente que permite o acesso de um público de não especialistas às interpretações acadêmicas, sem que se incorra em erros fundamentais. Para um leitor mais experiente, todavia, as peculiaridades da etnografia sobre a educação do corpo da mulher é que se configuram como o objeto de interesse.

A relação entre corpo e sacrifício, disciplina e empreendedorismo de si é a grande contribuição original. Esta não deve ser lida, no entanto, sem a observação de que a profissão majoritária entre as fiéis (esteticistas, cabelereiras) não é só função da educação do corpo feminino, mas é um viés de classe; afinal, é comum a mulheres de camadas mais populares (público da Universal) a inserção no mercado de trabalho via profissões que requerem baixos níveis de treinamento e que tenham alta empregabilidade.

Por fim, é possível pensar os achados de Teixeira evocando o pensamento da feminista Angela McRobbie (2015), que, revisando noções de Butler e Foucault, nos lembra que o senso comum feminino atual passa a se caracterizar pela busca da “boa vida”, do “ter tudo”, isto é, do conquistar sucesso profissional, doméstico/familiar e sexual; ideia de perfeição que repousa na restauração de uma feminilidade tradicional. Para McRobbie, a ênfase na autogestão feminina nada mais é que um controle ainda mais exato e intensificado da sociedade sobre as mulheres, que toma a forma de autorregulação, refletindo uma perspectiva que se generalizou na contemporaneidade, a saber, a de que investir na beleza corporal é uma escolha pessoal, um zelo, reflexo do amor próprio (e no caso, do divino). Sem querer fixar como únicas referências as críticas feministas e seus ideais, cabe interpretar o livro *A mulher universal* à luz dessa tendência, aclarando que o novo trazido pela IURD ressoa valores mais abrangentes. A Universal pode ser vista, portanto, como mais uma amostra de que determinadas igrejas e religiões ofertam um espaço no qual se ensina e reforça um mecanismo de autorregulação², que aflora como uma maneira de controlar o corpo feminino na sociedade de consumo, mas – insisto –, oferecendo às mulheres certas “recompensas”, ou, no mínimo, algumas ambições pelas quais se crê valer a pena lutar.

2 Ver, por exemplo, o modo como isso acontece entre as mulheres que se dedicam à assistência na IURD (Santos e Rosas, 2013) e entre as fiéis da Igreja Batista da Lagoinha (Rosas e de Castro, 2014).

Nina Rosas é professora adjunta da UFMG. Possui mestrado e doutorado em Sociologia, tendo realizado estágio sanduíche no Center for Religion and Civic Culture. É autora do livro *As obras sociais da Igreja Universal*, e atualmente pesquisa e publica sobre evangélicos, corpo, gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Maria D. D. C.

2005 “Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais”. *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2: 387-396.

MAFRA, Clara

1998 “Gênero e estilo eclesiástico entre os evangélicos”. In AL, R. C. F. (org.). *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro, Muad, pp.224-250.

MCROBBIE, Anagela

2015 “Notes on the Perfect: Competitive Femininity in Neoliberal Times”. *Australian Feminist Studies*, v. 30, n. 83: 3-20.

ROSAS, Nina

2012 “As ações sociais da Igreja Universal: recrutamento e empreendedorismo no A Gente da Comunidade de Belo Horizonte”. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, v. 14, n. 17: 27-51.

ROSAS, Nina e DE CASTRO, Cristina M.

2014 “Charismatic Protestantism, Gender and Sexuality in Brazil”. In SHIPLEY, H. et al. (orgs.). *Globalized Religion and Sexual Identity: Contexts, Contestations, Voices*. Leiden, Brill, pp.217-235.

SANTOS, Yumi G. D. e ROSAS, Nina

2014 “Les Femmes dans les nouvelles politiques sociales et l’assistance néopentecôtiste: Possibilités d’émancipation ou reproduction des inégalités?”. *Brésil(s). Sciences humaines et sociales*, v. 6: 75-97.

WOODHEAD, Linda.

2002 “Mulheres e gênero: uma estrutura teórica”. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, v. 1: 1-11.